



## SETÚBAL

# As novas «ilhas»

A pedido de religiosa, fomos conhecer a situação de um rapaz vindo, há meio ano, da Guiné. Chegamos à povoação, no meio de grandes edifícios, procurámos situar o A.T.L. onde a paróquia acolhe um grupo de crianças. Era a cave de um desses prédios que albergava a Creche. Na maioria, crianças vindas ou descendentes de originários de países africanos de língua portuguesa. O pequeno que procurávamos, ainda não frequenta a escola por dificuldades no português!

De seguida, fomos conhecer o quarto subalugado onde vivia juntamente com mais oito pessoas — dois adultos e sete crianças. Nos outros quartos da mesma habitação, cada qual com seus subalugas, habitavam grupos de pessoas vindos do leste e de outros lugares, em grupos numerosos. O ambiente era indigno para seres humanos, uma amálgama de gente sem privacidade nem espaço familiar.

Sabemos como abundam por todo o lado situações semelhantes. Os quartos ocupados por gente a viver assim, sem cama nem cozinha, nem nada que faça de um espaço

uma habitação, são incontáveis. Do outro lado, estão muitos a lucrar com estas reservas de humanos.

Os prédios são gigantescos, não dando a entender o que se passa dentro deles. São as novas «ilhas», estendidas agora na vertical, o que as torna piores. Repetem-se os *Barredos* do tempo de Pai Américo, onde se paga a custo um cantinho para ter uma enxerga ao abrigo das intempéries.

Gente fugida de guerras, de fome, de desemprego, que encontram aqui paraísos envenenados. Mal por mal...

A mais velha do grupo, avó com seus dois netos, levava seu Terço na mão quando nos encontrámos. Vinha a descer as escadas do quarto andar que habita, o elevador tinha uma avaria permanente, para ir à Oração mariana. Sabendo ao que vínhamos, voltou para trás, começando a subir as escadas com grande esforço. As saudades e desejo de voltar à sua aldeia na Guiné são grandes. Mas e os netos, um deles traumatizado pela guerra, que vida para eles? A Mãe do céu vai ajudando a levar a cruz...

Continua na página 3



Tojal — Este grupo trata do jardim.

## ENCONTROS EM LISBOA

# Mendicidade

CAMPEIA nas ruas movimentadas das nossas cidades, na entrada dos hospitais, do metro e nos cruzamentos com semáforos. Pela abundância de pedintes é de crer que o negócio compensa. São crianças, são jovens e são pessoas já maduras. Em certas ocasiões, como não chega a presença, invocam causas conhecidas. A Casa do Gaiato, apesar dos inúmeros desmentidos, continua a ter muitos «amigos» que utilizam o seu nome para fins que desconhecemos. Ultimamente os pontos de pedincha aumentaram assustadoramente.

A experiência ensinou-nos quanto a pedincha degrada quem a ela recorre, mas não menos responsável é quem satisfaz as suas tendências altruístas dando esmolas, não se sabendo a quem nem para quê. Quase me apetece dizer que quem é estupidamente bom, não só não resolve nenhum problema, mas pode agravar a situação e

torná-la irreparável em termos futuros, sobretudo se se trata de crianças.

Tenho aqui por Casa dois miúdos que vieram marcados pela pedincha. Um tem dez anos, o outro, oito. Aos fim de uma semana de aqui estarem, fizeram uma primeira incursão pelos arredores a estudar o meio. Saíram-se muito bem. Chegaram, contando histórias de guloseimas e ainda traziam alguns cêntimos no bolso.

Como é natural, menos de oito dias depois estavam outra vez na rua, repetindo a façanha. Desta vez não se saíram tão bem. Houve um senhor que achou a história complicada e decidiu levá-los à polícia. Tiveram que voltar sob escolta. Creio que ainda não estão convencidos, porque o mais velho dizia-me: «Isto aqui é uma *seca*, nem se pode andar por aí, pelo lugar, e é só ir para a escola...»

Aqui temos traçado, na cabeça deste pequeno, o caminho do futuro: «*andar por aí*». Vai ser preciso mais tempo, se ele nos deixar e a Graça de Deus nos ajudar, a encontrar outro caminho. Se as suas aventuras no exterior continuarem a ser apoiadas, nada poderemos fazer. Agora é só andar por aí, mas com o seu crescimento vão aparecer outras necessidades e o desejo de as satisfazer. Se não é com a escola e com o trabalho, outras aventuras surgirão... E aí temos o resultado da nossa esmola dada com o coração à flor da pele, mas sem cabeça.

Padre Manuel Cristóvão

## Festas

16 de Junho — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, FORTE DA CASA.

# Praticando o Bem

FUI há dias a Galegos, terra natal do Padre Américo, na companhia de dois vicentinos visitar seis, das doze casas do Património dos Pobres ali erguidas.

A Conferência Vicentina tem-se preocupado em conservar e atualizar as airovas vivendas onde habitam os seus pobres e para isso me vieram pedir ajuda.

A nossa pobreza é a nossa fonte. Porque não temos nada, há sempre algo para repartir.

Cheio de curiosidade e alguma preocupação, ofereci-me logo para ir ver.

Não há nada como a gente observar. Pôr os sentidos a trabalhar e por eles o coração.

As conversas, os relatos verbais ou escritos, as opiniões podem dizer muito nunca mostram tudo.

Os olhos do corpo, do coração e da alma vêem o *invisível oculo* que jamais alguém descreveu.

Pena tenho que o universo dos rapazes me limite, pois, há por aí tanto que descobrir!

A companhia foi deliciosa!

Vicentinos de corpo e alma!

Os pobres em comunhão admirável com eles!

Os cumprimentos, a apresentação das pessoas, a abertura das casas, a limpeza, o conhecimento próximo das dificuldades de cada família e, acima de tudo, a felicidade espelhada nos seus rostos!

Há quanto tempo eu não gozava momentos tão deliciosos?!...

Nesta freguesia construíram-se, na altura, doze casas airovas à medida do pobre e no estilo da época!

Em granito com cornija nos beirais!

Tantas quantas as famílias desabrigadas da freguesia!

Com forno, borralho e chaminé de lenha, providas de latrinas, enquadravam-se no ambiente social e cultural de outras famílias.

Continua na página 4

# África

É mesmo de África que estou escrevendo, apesar das despedidas feitas há dois anos: — Até à eternidade! «O homem põe», mas muitas vezes os acontecimentos não seguem como ele pensou. Quem dera que tais desvios fossem sempre «disposições de Deus».

Foi isto em Maputo quando da ordenação sacerdotal de Padre Custódio. Contudo restava-me

então o desejo de uma derradeira visita a Angola. Malanje foi o meu primeiro amor africano, e não há outro como ele!

Afinal, Moçambique é de novo o meu destino e o desejo tem de aguardar outra oportunidade se, porventura, relativamente a Angola, não ficar definitivo o adeus que lá disse três anos atrás.

Faz nestes dias quarenta e dois anos que pela primeira vez pisei este Continente tão cheio de tradições e, por isso mesmo, tão apaixonante. Muitas e profundas mudanças ocorreram ao longo deles. Mas terão mudado para

estes Povos, no que lhe é essencial, as condições de acesso à liberdade e a uma autonomia autêntica, que lhes permita realizarem-se numa linha de abertura e de progresso, defendidos de toda a violência de modelos culturais que não são os seus?

As guerras entre eles deixaram feridas de instabilidade e de desenraizamento difíceis de curar. Como com todas as calamidades, naturais ou produzidas pelo homem, o depois nunca mais voltará ao antes. Pior do que as paupérrimas condições sociais que

Continua na página 4

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**CASAS DO PATRIMÓNIO DOS POBRES** — Acabámos a reparação de mais três delas que Pai Américo trouxera de África connosco na década de cinquenta, quais recordações que enchem a nossa alma! O Senhor nosso Deus nos dê a hipótese de abrir as Suas mãos para conseguirmos também a ampliação de outras para ampliação de outra mais, duma viúva e seus filhos. Obras que ficam por um balúrdio e vamos acabar como deve ser.

Trata-se duma família específica. Não atiramos pedras. Mas procuramos que procure equilibrar a sua vida.

**PARTILHA** — O habitual cheque de 150 euros, duma leitora de Oliveira de Azeméis, «para ajudar as despesas da Conferência. O Senhor vos ilumine para que possam continuar. Não quero nem agradecimento nem recibo. É mais uma migalha para o vosso celeiro. Para mim, também é sinal de que Deus me ajuda para o poder fazer.»

Sessenta euros, do assinante 9790, de Perosinho, e uma «oração ao Senhor por uma intenção particular.»

Santo Tirso: «50 euros para a Conferência de Paço de Sousa», pela mão da assinante 22103.

Assinante 31104, de Lisboa, presente com 438,88: «O meu envio tem andado um tanto fora de tempo, mas a saúde não tem ajudado. Rezem por mim.»

Porto, «Assinante 14493: Deus vos proteja e guie porque o que aí fazeis aos Pobres exige qualidade que não é infelizmente muito comum. Velha amiga, de sempre, a partilhar o mês de Maio.»

Um cheque, pela mão da assinante 28607, de Carcavelos, «para os Pobres assistidos pela Conferência Vicentina. Perdoai ser tão pouco. O meu número de assinante basta.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**DESPORTO** — Os Iniciados têm tido jogos todos os fins-de-semana. Em 20 de Abril receberam e ganharam ao Aliados de Lordelo. No dia 26 deslocaram-se a Coimbrões, e perderam. Aí foram bem recebidos e praticaram a modalidade num belo «tapete» verde. A 4 de Maio receberam o Bougandense, e ganharam. Defrontar este clube teve para nós um sabor especial: é a terra do nosso Padre Manuel António. No dia 19 visitaram o Custóias



Em cima: Altura em que os Iniciados tomavam o primeiro contacto com a relva do estádio de Alvalade. Em baixo: No dia do convívio em 25 de Abril: Os antigos com os ainda Gaiatos, fazem uma equipa só.

Futebol Clube e empataram. Com este último, já tinham jogado em casa.

Conforme aqui já se deu notícia também nos deslocámos a Alvalade onde, depois de visitarmos as instalações, seguimos a Alcochete, com destino à Academia do Sporting. À chegada, tínhamos os responsáveis à nossa espera, que logo nos puseram as instalações à disposição. Valeu a pena fazer todos aqueles quilómetros para podermos ter o privilégio de apreciar o complexo desportivo e defrontar os atletas das escolas de futebol do Sporting Clube de Portugal. Quando tudo estava já no balneário, foi-nos oferecida uma camisola do Sporting, rubricada por quase todos os jogadores, a qual oferecemos, de recordação, ao Luís Ângelo, «capitão» da nossa equipa.

O resultado, final, não nos foi favorável, mas não saímos envergonhados. Para além de uma primeira parte bastante desastrosa, conseguimos, na segunda, marcar dois golos através do Luís Ângelo que fez um excelente jogo, e reduzir a desvantagem. Podíamos ter marcado mais, um pelo Fábio, e outro pelo Luís, mas a sorte não esteve do nosso lado.

Se tudo tinha corrido bem até aqui, depois não foi pior. Logo a seguir ao jogo com o Sporting seguimos para a nossa Casa de Setúbal, onde também fomos acarinhados. Jantámos em Algeruz onde fica a nossa Casa; depois, pernoitámos no Lar, mesmo no centro de Setúbal.

No dia seguinte regressámos a Algeruz onde participámos na celebração Eucarística e tomámos o pequeno-almoço com a comunidade. De seguida, fomos dar uma volta pela bonita Serra da Arrábida.

Após o almoço, carregámos a camioneta e regressámos a Paço de Sousa.

Os Seniores também não param e continuam a golear e a praticar bom futebol um futebol ao primeiro toque e disci-

plinado, dando uma imagem cada vez mais próxima daquilo que pretendemos.

Segundo me apercebi, há jogadores na equipa que já têm mais golos marcados que o Jardel, o que quer dizer que por este andar, ao contrário do brasileiro, ainda vai ser chamado à seleção cá da zona!...

No último fim-de-semana recebemos um grupo do Marco de Canaveses cujo resultado final nos foi favorável e conquistámos mais uma taça em disputa. Outra para a sala dos troféus. Por este andar começa a ser pequena!...

Alberto («Resende»)

## SETÚBAL

**VISITA** — Em 25 de Maio o grupo dos vendedores d'O GAIATO foi à nossa Casa de Paço de Sousa. Pelo caminho passaram por Fátima. Depois do almoço estiveram com os rapazes da Casa do Gaiato de Beire e com os doentes do Calvário. No regresso foram por Miranda do Corvo, onde ainda tiveram tempo para dar uns pontapés na bola com os rapazes de lá e comerem uma boa merenda.

**VACARIA** — O raspador do esterco dos bois avariou. Desmontámos as roldanas que guiam a corrente porque tinham os rolamentos estragados. Deu um bocadinho de trabalho a tirar. Foram para a nossa serralharia para serem arranjados. Agora vamos montá-las e espero que fiquem a trabalhar bem.

No sábado passado, os vaqueiros com a ajuda de outros rapazes, estiveram a fazer as camas das vacas. Depois de limpas, colocámos areia nova e cal, para que os tetos das vacas não ganhem infecções e o leite seja de boa qualidade e quantidade.

A vaca «spiki» teve a sua primeira barriga. Precisou de ajuda para parir pois a primeira é normalmente mais difícil. Nasceu-lhe um macho que esperamos seja bom para cobrir e dê boa carne para comer.

**CAMPO** — Uma parte da cevada foi para ensilar e outra para palha. Esta ficou no campo a secar depois de cortada. Uma enfardadeira de fora veio cá fazer os fardos que os rapazes carregaram para o armazém.

Começámos a arrancar a primeira batata que semeámos. A casa da batata (onde a guardamos) foi limpa e caída para que ela não se estrague. O tractorista arranca-a da terra com a máquina e um grupo de rapazes apanha-a para dentro de caixas. Outro grupo encarrega-se de a escolher e armazenar.

**RAPAZES NOVOS** — No sábado passado vieram para a nossa Casa dois rapazes novos. São o Patrício, da Baixa da Banheira, e o Daniel de Setúbal. O Patrício é um rapaz muito caladinho, mas espero que se dê bem connosco. O Daniel já joga a bola e anda nas nossas bicicletas, pois gosta de se divertir.

Rui («Rato»)

**NASCER DE NOVO ANGOLA?!** — Chegamos num ano novo, com olhar curioso e muito vivo!

Com algumas certezas, mas também com muitas dúvidas...

Sinto que, realmente, Jesus está continuamente a querer abrir-se connosco, só exigindo de nós o sabermos parar e, aí, tentarmos perceber da Sua presença.

Eu acho que chega de disputas. É tempo de saber aproveitar esta oportunidade da paz e do amor para o povo angolano que está cansado de tanto sofrer!...

Uma nova era se aproxima. Um novo tempo nasce... Espero que seja o tempo do perdão e da reconciliação.

Que se criem condições para, definitivamente, se começar o presente, dando oportunidade ao diálogo, na certeza de que, finalmente, se constrói o caminho onde a paz seja encontrada.

Se todos os angolanos acordarem e gritarem «Basta, queremos a Paz!», estou certo de que esta será sempre uma certeza e não um sonho adiado.

Ao terminar deixo um grande abraço cheio de saudade e esperança/confiança para todos os rapazes e ao nosso Padre Telmo — através de cujo exemplo se construirá a Paz e a concórdia na nossa querida e tão sacrificada Angola.

Zeca

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO NORTE

**ENCONTRO ANUAL** — Será a 21 de Julho na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Este Encontro é sempre motivo de convívio e recordações a passagem de uma parte importante da nossa vida. Todos ficámos marcados pela Casa do Gaiato e jamais devemos esquecer o homem que dedicou a sua vida para nos dar um lar — uma Família: Pai Américo.

Sim, ele mudou radicalmente a nossa vida. A vida de centenas de rapazes. Que futuro teríamos sem a Obra da Rua? — Ela é Família dos sem-família.

Daqui a importância desse dia: Encontro de família, irmãos que durante o ano dispõem-se nos seus afazeres, mas que se juntam uma vez ao ano em «sua Casa». Que falam do que fizeram, dão notícias do que fazem, divertem-se em

convívio fraterno, abraçam-se de saudade: Família.

Devemos sentir-nos orgulhosos por sermos filhos da Obra da Rua, que nos deu tudo o que pôde e nos recuperou para a sociedade. É certo que nem todos conseguiram singrar; mesmo nas pequenas famílias, infelizmente, também há filhos que não singram.

Contamos, pois, que venhas conviver connosco na Casa que foi para nós pai e mãe. Será uma romagem de agradecimento a Pai Américo que, em espírito, continua a nosso lado. A tua presença é importante, não fiques!

**PROGRAMA** — A reunião para eleição da nova Direcção será às 10h. Pedimos a tua presença. Às 11h, será a Missa. Às 13h, o almoço — cada qual deverá trazer o seu farnel. Tens o resto do dia por tua conta, mas não esqueças que às 17.30h, haverá caldo verde e sardinhas, oferta da Casa, para todos.

Esperamos que tenhas um dia cheio e que na hora da despedida já leves saudades.

Carlos Gonçalves

## TOJAL

**VISITAS** — Alguns dos nossos rapazes tiveram a oportunidade de conhecer outro país.

Foram até França e ficaram maravilhados com a viagem. Agradecemos a todos os Amigos que contribuíram para esta viagem emocional.

**EXCURSÕES** — Muitas nos têm visitado. Temos praticado vários desportos e gostamos muito de estar com eles.

**OFERTAS** — Foram-nos oferecidos onze ovinos, onze caprinos, cinquenta patos, quatro fracos e um ganso.

O nosso muito obrigado por se terem lembrado de nós.

**FUTEBOL** — Os mais novos jogaram e voltaram a ganhar por 14-4, o que significa que a equipa está forte.

Abílio Pequeno

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Já há algum que não damos notícias das nossas gémeas; estão lindas, filhas de pais pobres, mas humildes, sentimos, quando os visitamos, que há harmonia naquele lar, terão problemas como todas as famílias, mas há uma coisa que sempre nos chamou a atenção



# Carta

## Ler e meditar Pai Américo

«Continuo a ler e a meditar Pai Américo, que já não consigo tirar da minha mesa de trabalho. 'Para combater o mal — só o Bem!' Quanto me faz pensar esta sua máxima, que eu desejaria eleger como lema da minha vida. E este lema que sinto vivido por todos vós, por todos os corações que trabalham nessa grande Família — a Casa do Gaiato! E é tão forte e divina a vossa convicção que transborda como 'mensagem divina' que incomoda corações inquietos, como o meu que continua à procura do verdadeiro caminho!

Hoje não soube escutar os meus rapazes, espelhos sem brilho de uma sociedade que os traiu e trai constantemente, e continua a imolar os mais fracos, os mais fragilizados, escolhendo friamente os que nunca sentiram o amor de mãe nem a ternura de pai ou que, por outras circunstâncias, estão muito longe dos valores da vida. Por todos estes motivos, procurei alívio, talvez remédio e até mesmo um caminho para tocar os corações mais doridos que o Senhor me tem confiado, a mim, que me considero uma professora qualquer. E os meus olhos foram mais uma vez atraídos para a Doutrina, de Pai Américo. E ficaram fixos e pensativos perante a máxima 'Para combater o Mal — só o Bem!', que sinto como um apelo divino e como um caminho, dirigido a todos os homens para conseguir a Paz neste mundo tão controverso e tão injusto, em que vivemos.

Vai longa de mais a minha conversa, pois não tenho o direito de vos roubar tanto tempo às vossas tarefas.

(...) Peço ainda o favor do vosso discreto silêncio sobre este pequeno donativo, pois é grande... imenso o 'universo das aflições' a que atendeis. Sinto-me sempre pequena e mesquinha quando assino papéis como este que, no entanto, são necessários para atenuar um pouco o sofrimento de alguns.

Assinante 67395



Setúbal — Um dia de festa.

# Malanje

## Perdão é fonte

**P**ADRE Acílio lembrou-me mais uma vez — a obrigação de escrever para O GAIATO. Não só natureza — pássaros, flores e as sapotódias com seus cachos de cálices vermelhos; mas, sim, um convite à reflexão. Vou tentar.

Mas, somente e agora, dizer-te que te escrevo na mesa de pedra e à sombra de três majestosas mulembeiras com as copas prateadas pelo sol deste cacimbo.

E, pronto, af te vai o meu dia 10 deste Maio de 2002:

Veio a paz, dizemos. Procuramos acreditar. Hoje veio despedir-se de mim um catequista do Quela que vai amanhã com a sua comunidade. Vão com a mira na sua casa, que terão de reconstruir, no lugar das lavras e no rio que tem uma ponte de pau. «Vão com Deus» — disse-lhes.

Outros refugiados estão chegando vindos dos locais onde a UNITA operava. Grupos em farrapos, esqueléticos e de olhar tímido e um pouco desconfiado.

O Estado, algumas organizações e as Igrejas estão fazendo um esforço para o acolhimento.

Um grupo de jovens, da Pastoral Juvenil, está fazendo uma quete pelas casas para o auxílio. Algumas famílias têm batido as portas: «Dar àqueles que mataram a minha família?!»

Mas então queremos ou não a paz? Sem o perdão mútuo não haverá essa paz.

Digo mesmo que o perdão é a fonte da paz:

Nascente cristalina na encosta agreste.

Poço farto no deserto escaldante.

A maior sede fica aplacada.

As gotas que caem pela oscilação da corda curam as feridas.

Perdão é fonte!

## Acantonamentos

**Q**UASE todos os soldados da UNITA (agora acantonados) têm três mulheres. Cada, três filhos. Os outros, mais, foram enterrados à beira das picadas pela próprias mães! A razão dum soldado não mata tanta fome.

Não há velhos. Foram morrendo nos caminhos das lavras e das montanhas...

«Leve-me consigo. Deixo à Irmã as pedras que arranjei nas Lundas» — disse uma rapariga do Bié (magrinha e quase transparente!), à Irmã que a visitou. A Irmã que não queria as pedrinhas e que ia procurar contacto com a família. «Leve-me se não vou morrer. Meu marido não liga e arranjou quarta mulher» — fala outra.

Motivos sérios de meditação e dor...

Por tal, a palavra paz não me tranquiliza; antes perturba e inquieta.

Tão lenta e morosa a ajuda a estes pobres grupos estropeados!

Padre Acílio, que sim, damos uma ajuda. Sabes bem a direcção das nossas Casas do Gaiato.

Padre Telmo

naquela mãe, organizada, limpa: a sua casa sempre muito asseada. Ela gosta da sua família, nunca reclamou, luta sempre para ter uma vida melhor. Quanto ao pai, os seus olhos transmitem felicidade quando lhe falamos da família, ele sabe que a sua companhia tem sido boa esposa e mãe e é ela quem conseguiu sempre equilibrar o seu lar.

Queremos apelar aos nossos amigos, caso tenham uma caminha de grades, guardada no sótão, que a ofereçam a esta família, porque a caminha que partilham já se torna pequena para as duas.

Com este exemplos de pais materialmente pobres, mas ricos em amor, tal como está escrito nas sagradas Escrituras, quem tiver olhos que veja e quem tiver ouvidos que ouça, mas o Homem está surdo e

acomodado na sua poltrona, esperando e pensando que o Mundo da pobreza não é com ele, mas sim com os outros.

No entanto, vamos prosseguindo com a ajuda dos nossos amigos, a nossa obra vicentina, com alguns espinhos, mas com vontade de continuar e com a mão no Pai sempre presente.

Temos esperança que o Pai do Céu não nos abandona na corda bamba, vamos caminhando, deixando à volta por onde passamos, uma esperança, que não de vir dias melhores, com frutos mais felizes. Para isso contamos com a ajuda dos nossos Amigos.

Apelamos ao bom senso dos nossos governantes, que não se esqueçam de mudar a vida dos que mais precisam, que não têm voz, porque foram esses que confiaram sempre, que um dia, as promessas dos políticos

irá ser cumprida, não sabemos qual deles, mas confiam que um dia a sua vida vai melhorar, não para muitos deles, mas para os seus filhos.

Enquanto a promessa dos políticos não é posta em prática, de uma coisa os nossos Pobres têm a certeza, as Conferências Vicentinas que lhes dão apoio nunca lhes faltou com o que promete, porque estas só contam e só lhes podem dar aquilo que lhes dão. Por este motivo e para que as nossas ajudas possam continuar, contamos com a vossa partilha. Bem haja a todos.

**RECEBEMOS** — De Amiga Elisa, 60 euros; Emília Baptista, 25 euros; assinante 20517, 20 euros. De Fiães, o seu donativo habitual.

Casal Felix

## Ser!

Ser deste modo  
Tímido e reservado  
Não traz ganhos...  
Nem avanços...  
Para o povo.

Amar o coração  
É ser paixão  
Tal como um barco  
Que parte para o mar  
Em trabalho  
Sem nunca se cansar!

Criar revolução  
Onde existe podridão  
É ser purificação!  
Tal como o lume  
Que aquece no Inverno!  
E derrete  
Os gelos  
Em qualquer Estação!

Manuel Amândio

# Setúbal

Continuação da página 1

Dias depois, conheci um casal de velhinhos, portugueses como nós. Ocupam há várias décadas, uma casa muito velha em ruínas. Perguntei-lhes se não queriam viver noutra casa! Ele disse-me que já tinha ido ver duas, em bairros camarários, mas não gostara delas. Preferia viver assim. Eu compreendi... Fiquei com pena de muitos que vivem em bairros e prédios de fachada...

As centenas de casinhas sonhadas e construídas a impulso de Pai Américo, para as famílias pobres, continuam a ser precisas. Com tanta lei e burocracia, e com a mentalidade de encaixotamento dos Pobres, parece um sonho irreal... Veremos se ainda há quem queira construir sobre a rocha!

Padre Júlio

## DOCTRINA

É necessário  
que o Mundo não pisme  
do que me dão...



**A**QUANDO da minha volta pelas Termas de Vidago, salientou-se muito o facto de haver ali colhido dez contos de réis nos quatro hotéis onde fui dar. «Sim senhor, muito dinheiro, Padre» — dizia-se à boca cheia.

**S**IM, muito dinheiro na verdade. Ninguém mais do que eu o estima, avalia e agradece. Porém, este «muito dinheiro» colocado ao pé das somas reais que eu gasto, fica imensamente diminuído. Vamos ao caso concreto das Termas de Vidago. Nos momento em que eu chego a Casa com aquela soma na algibeira encontro sobre a minha mesa de trabalho a folha de pagamento da quinzena: 86 operários, 14 contos.

**A**TÉ aqui, tem sido precisamente o dobro daqueles algarismos. Desde Maio de 1943 a Maio de 1944, gastei nas construções da nossa Aldeia 1160 contos. Sem dizer nada da manutenção das Casas do Gaiato de Miranda do Corvo e de Paço de Sousa, onde 22 animais roedores rilham impiedosamente quatro vezes ao dia! Não peço dinheiro nenhum a ninguém pelos pequeninos que habitam nas nossas Casas. Não tenho subsídios certos de ninguém. Tenho apenas 1.500\$00 mensais de um organismo social. Certos, apenas 1.500\$00, repito. Mais: a obra que está em curso custa uns nove mil contos, abate essa soma os mil e tal que já me deram.

**O**RA é necessário que o Mundo não pisme do que me dão: «Eh, tanto dinheiro!» Mas, sim, que se aflija com o que me falta. É só a fome e sede de Justiça que eu tenho, que me leva por essas praias e termas a mostrar a minha chapa de mendigo; só isso. Não me sinto por isso infeliz, mas o Mundo seria mais avisado se me tirasse a chapa do peito. Afora as duas colossais ofertas da Capela e da enfermaria, edifícios que actualmente ocupam os operários, tirante esses dois rasgos, digo, houve somente, até à data, uma oferta de critério: Um senhor ouve, compreende, rapa de um livro de cheques, escreve 30 contos e... «tome lá».

**N**ÃO me queixo de ninguém, mas gostava que Portugal ouvisse, compreendesse e rapasse dum amplo e generoso «aqui tem».

*O. Amândio*

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol.)

## BENGUELA

## Dia Mundial da Criança

ONTEM, um de Junho, as crianças foram muito faladas. Era o Dia Mundial dedicado a elas. Mais de quatro centenas estiveram juntas, em nossa Casa, para celebrar a data. Mais ou menos, por toda a parte, em assembleias, na imprensa escrita ou falada, a criança foi tema para reflexão. A grande maioria das crianças, em Angola, está à espera do mínimo necessário a que têm direito para serem crianças normais.

Em primeiro lugar está a família. Não podemos falar nos filhos sem falar na família. No princípio do abandono dos filhos estão as muitas famílias destruídas. Outras vezes, os filhos nascem fora da família constituída. É preocupante o número de crianças que vem ao mundo nestas condições. Mais tarde ou mais cedo vão engrossar a multidão de filhos da rua. As Instituições de carácter social, agora cheias, nunca chegarão para ajudar a resolver o problema.

Os filhos da rua aumentam sempre, enquanto as famílias não assumirem as suas responsabilidades. Os pais que abandonam os filhos que geraram devem ser chamados a contas pela justiça, se necessário for. É um direito primário da criança que está a ser violado. Ninguém pode abrir as portas da rua a filhos inocentes. Mais tarde, os réus são os acusadores e as vítimas, sem culpa, são acusadas. É a sorte de muitas crianças que foram abandonadas e andam pelas ruas.

A propósito do Dia Mundial da Criança, vem à mente o problema sempre actual dos filhos de pai incógnito. É uma injustiça cometida contra filhos inocentes. É um dever socorrê-los. A Pátria, através de serviços competentes, deve estar na vanguarda em sua defesa. Quem dera se gerasse um movimento de simpatia por esta causa a nível nacional.

É certo que algo se tem feito neste campo social. Mas os problemas são de tal dimensão que tudo o que se faça é uma gotinha de

água no oceano. Com a cessação das hostilidades vieram à luz do dia situações extremas de crianças, antes desconhecidas. Das centenas de milhares de pessoas concentradas nos quartelamentos das tropas da UNITA, dezenas de milhares de crianças, com falta de tudo. Não é possível alhear-nos do que se passa. As imagens que nos chegam, através do *écran* da televisão, ferem-nos e o sangue acode às nossas veias. Estou a falar-vos deste modo para que vos deixeis contagiar e não fiquéis alheios, esquivando-vos das vossas responsabilidades também. Como havemos de ajudar estas crianças a construir uma Pátria forte e prometedora, optimistas e entusiastas de almas e corpos são? É uma causa nobre pela qual vale a pena desprendermo-nos do que nos amarra e estender nossos braços fraternos. Estamos com as crianças de alma e coração!

Ontem, estiveram cinco garotos da rua, mais os da nossa Casa, sentados à mesa no

refeitório. Era a primeira vez que o faziam, pois em suas casas não há mesas, nem pratos, nem tigelas. O almoço, por ser dia de festa, foi caldeirada de batata com cabrito. Que saboroso! Passei pelo lugar onde estavam e vi os pratos tão limpos, que julguei não terem comido. Enganei-me. Tinham comido tudo e limpo os pratos com os dedos, a ponto de não restarem sinais de comida. O seu rosto era de fome, mas naquela hora saltaram de contentes. É fácil fazer as crianças felizes! Não as podemos abandonar, isolados no nosso desinteresse e comodismo. deixá-las atrofiar e morrer. Devemos celebrar o dia da criança com gestos e obras que nascem dum compromisso diário com a sorte delas. Ah, se dividíssemos com elas o pouco ou muito que possuímos, unidos de alma e coração à alma e ao coração dos que levam a vida com elas!

Quando as crianças são acompanhadas, desde o ventre da mãe, pela vida fora, são felizes e crescem e fazem-se adultos com dignidade. É o que pretendemos com o nosso infantiário experimental, onde algumas dezenas de bebés e primeira fase da primeira infância fazem o seu crescimento debaixo do olhar atento doutras mães.

Padre Manuel António

## Praticando o Bem

Continuação da página 1

Implantadas separadamente, cada uma com seu pequeno quintal, são ainda hoje uma hastante lição para os estudiosos e empenhados na área social.

Ali não se desenraizou ninguém. Deu-se às famílias quando necessitava a estrutura básica, o ambiente rural de onde provinham. Não se fez como tão desgraçadamente se tem projectado e construído por diversas freguesias e concelhos do País, juntando os pobres todos, arrancados ao ambiente rural e transportando-os para bairros urbanos embora construídos no campo os quais se transformam em guetos favoráveis à delinquência e à marginalidade.

Ali não. Naquele espaço poderiam ter-se alojado trinta famílias ou mais,

mas isso não aconteceu. Não era bom para ninguém. Em primeiro plano o sentido económico nunca foi a principal preocupação. As necessidades de espaço de entretenimento salutar e de vizinhança prevaleceram a qualquer intuito. Primeiro, o bem-estar das pessoas, o seu quintal para lhes ocupar o espírito, dar gozo interior na contemplação do próprio trabalho e o resultado intuitivo da hortalinha, depois o espaço arejado.

Agora é necessário remodelar a cozinha, banir as latrinas, construir casas de banho, ligar os esgotos, cavar uma fossa comum e pôr água quente — necessidades dos tempos actuais que se irão satisfazendo aos poucos!

O que mais me impressionou foi verificar que, aqui, o Património dos

Pobres não foi ultrapassado. Nunca estes homens vicentinos em sucessivas gerações deixaram de visitar os seus Pobres amiudadas vezes. Saíram famílias e voltaram outras; vagaram casas e foram ocupadas por gente escolhida, sempre, entre os mais desamparados.

Têm neste momento uma habitação vazia porque na paróquia não há pobres com falta de casa.

Como é feliz referir que a comunidade cristã da paróquia geradora sobrenatural do Padre Américo tem cumprido seriamente a intuição evangélica deste homem de Deus! — «Cada freguesia cuide dos seus pobres».

Os grandes problemas com o Património dos Pobres por esse País além seriam muito mais pequenos se os vicentinos e os Párcos acompanhassem de perto aqueles que são os privilegiados de Jesus, o rosto mais belo da Igreja e o peso mais forte de toda a acção apostólica.

Padre Acílio

## TRIBUNA DE COIMBRA

## Justa homenagem

A Edilidade Mirandense prestou justa homenagem, no passado dia 1 de Junho, a um cidadão ilustre desta terra que o Senhor já chamou a Si: o senhor Fausto Branco.

Todos sabemos a sua aversão a homenagens mundanas como é, aliás, timbre dos homens que não procuram a honra própria. Mas são oportunas e necessárias porque nos tempos que correm a memória das coisas boas e positivas que tantos homens e mulheres prestam a Humanidade tende a ser tomada pelo «culto» do horrível-doentio e do sensacionalismo a qualquer preço.

O senhor Fausto foi um leigo distinto, um cristão de convicções profundas que — como tivemos oportunidade de o recordar — se recusou a fazer da sua pertença à Igreja um mero dado estatístico ou memória de arquivo paroquial.

Sempre activo na Sociedade e na Igreja, sem dicotomias, de corpo e alma inteiros, irradiava uma paz interior impressionante, própria de quem não vive centrado em si mesmo mas no Espírito de Deus. O senhor Fausto foi um cidadão do mundo que soube exprimir com sabedoria espiritual a verdadeira cidadania do Reino de Deus.

Foi, contudo, no sector sócio-caritativo da Igreja que ele deixou bem vincada a sua marca de cristão. Amigo próximo e de longa data da Casa do Gaiato alimentou no espírito do Padre Américo o seu amor e dedicação aos Pobres. Com Padre Horácio, calorreu os caminhos dos Pobres nomeadamente na vertente do Património dos Pobres. Através do «Mirante» inquietou os poderes instituídos chamando a atenção para o problema de famílias sem meios para viverem dignamente, através de artigos repassados de amor cristão e socialmente interpelantes.

Justa homenagem! Que tenha ouvido jubilosamente o «Vinde benditos de Meu Pai...» — assim o acreditamos.

Que nunca esqueçam aqueles que vivem naquela nova rua da Vila de Miranda do Corvo com o nome de Fausto Branco, em casas tão dignas e airoas, quem ele foi e o que representa como desafio em termos de partilha para com os mais desfavorecidos. Dignifique-se a cultura toponímica para que os vindouros saibam mais dos seus ilustres e o caminho por eles percorrido em favor dos outros lhes seja atractivo e se torne ideário de vida.

Padre João

## África

Continuação da página 1

os envolvem (a níveis de desumanidade), são as mudanças na alma de Povos que, fruto de tantas agressões, perdeu carácter, perdeu pureza, se afez às necessidades de sobrevivência que põem em risco a fidelidade a valores que não-de constituir o património da sua autêntica independência. São estes Povos que têm de encontrar-se e definir os seus projectos. Não lhes preparem, menos lhes imponham, em nome de um Humanitarismo que, em vez de promover o brio destes povos, lhes anestesia a vontade com auxílios de efeito imediato que assentam na natural tendência para a inércia e vão adiando as reformas de fundo que eles mesmo não-de compreender.

Acontece com as Nações como com os indivíduos.

Os pedintes proliferam a partir de uma mentalidade falsamente generosa que os fomenta em número e em expedientes. A propósito do desastre ferroviário que sucedeu a semana passada aqui bem perto desta nossa Casa, ouvi o protesto contra um pressentido rumor de apelo à Comunidade Internacional para que acorra a minorar-lhes as consequências dramáticas para tantas pessoas e famílias. Eis uma prática que tende para o hábito porque sempre tem resultado, mesmo que os bons efeitos raramente cheguem às verdadeiras vítimas. Achei salutar esta reacção diante de um problema localizado que surgiu, talvez, de um erro humano e da caducidade do sistema ferroviário, o que denuncia responsabilidades ao mais alto nível. Foi bela a solidariedade que o acidente mobilizou nas populações vizi-

nas. É positivo o alerta que alguém levantou a propósito da ausência de seguros de vida, figura desconhecida e com certeza, para já, inacessível à maior parte da população. São falhas da estrutura social que internamente têm de ser colmatadas, das quais um mal é oportunidade para se alargar a consciência delas, o que é um bem.

Certamente não é fatalidade que o *terceiro mundo* seja sempre mendigo do primeiro. E este, se quer que lhe acreditamos a sinceridade do seu apregoado Humanitarismo, tem de exercê-lo por imperativo da Justiça, tem de purificar-se de todos os segundos interesses, tem de orientar-se por um critério altamente pedagógico, longe da exploração fácil dos «bons sentimentos» das multidões. Tem de esperar que a sua cooperação seja conscienciosamente desejada e requerida e de prestá-la na condição de que as bases estejam preparadas pelos próprios e se não ocupe ninguém

naquilo que eles mesmos podem fazer. Se podem, devem — é um princípio de Pai Américo que tem cabimento, extrapolado dos rapazes para Povos em estado relativo de adolescência.

Bem sei que esta metodologia não cativa os interesses do mundo porque se não dá com a pressa de resultados que ao mundo convém. Mas a verdade é que a «Natureza não dá saltos». Há que provocá-los, sim, mas na paciência do adestramento dos saltadores para o fazerem. Não imagino quantas gerações demorará a frutificar este esforço de igualização razoável dos vários mundos em que razões históricas, mas muito, também, as paixões dos homens dividiram o Mundo. Porém, este esforço é dever dos mundos mais adiantados para que acabem as fatalidades nas relações entre eles e assim, em hábito de Justiça, se firme o alicerce da Paz.

Padre Carlos

## PENSAMENTO

Queremos O GAIATO marejado de lágrimas, à maneira que vais lendo, sinal certo de que houve compreensão.

PAI AMÉRICO